



La comunicación en Iberoamérica:

políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento

Margarida M. Krohling Kunsch

Organizadora



Quito - Ecuador
2013

**La comunicación en Iberoamérica:
políticas científicas y tecnológicas, posgrado
y difusión de conocimiento**

**A comunicação na Ibero-América:
políticas científicas e tecnológicas, pós-graduação
e difusão do conhecimento**

Margarida M. Krohling Kunsch
Organizadora

300 ejemplares - Agosto 2013

ISBN: 978-9978-55-107-3
Código de barras: 978-9978-55-107-3
Registro derecho autoral: 041871

Diseño y diagramación
Diego Acevedo

Portada
Arturo Castañeda

Impresión
Editorial "Quipus", CIESPAL
Quito-Ecuador

Los textos que se publican son de exclusiva responsabilidad de sus autores.

Índice

Presentación	9
Fernando Checa M.	
Introducción	13
Margarida M. Krohling Kunsch	
Parte I	23
Políticas científicas e tecnológicas da pesquisa em comunicação ibero-americana: pesquisas e conhecimento demandado pela sociedade	
Hacia una epistemología del Sur: comunicología latina y agenda de investigación Francisco Sierra Caballero	25
Política científica de comunicação em Portugal: desafios e oportunidades para os doutoramentos Moisés de Lemos Martins e Madalena de Oliveira	47
Articulación y exclusión: de las universidades en el diseño de políticas científicas y tecnológicas de comunicación Delia Cровi	103

De volta ao mundo real: epistemologia, política e o campo da comunicação Cesar Bolaño	121
Dilemas en torno a la formulación de políticas de ciencia y tecnología en comunicación Ángel Páez	133
Políticas científicas e tecnológicas da pesquisa em comunicação: pesquisas e conhecimento demandado pela sociedade. Ponto de vista a partir do Brasil Antonio Hohlfeldt	151
Políticas de ciencia y tecnología, y los estudios de comunicación en el Perú: notas sobre una ausencia estructural Eduardo Villanueva	161
Contra el desperdicio de la experiencia: políticas y saberes en el campo de estudios de comunicación en Colombia Eduardo Gutiérrez	173
Parte II Pós-graduação em comunicação na Ibero-américa: qualidade do ensino e da pesquisa de pós. Estratégias para formar pesquisadores, professores e profissionais	193
A pós-graduação em comunicação no Brasil: crescimento associado aos desafios da qualidade e da inserção internacional Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Richard Romancini	195

Tendencias y perspectivas de desarrollo e internacionalización del posgrado en comunicación en México, Centroamérica y el Caribe Raúl Fuentes Navarro	235
Discontinuidades para la búsqueda de una estrategia en común Gustavo Cimadevilla	257
Los posgrados en comunicación en Iberoamérica: calidad de la enseñanza y de la investigación. Una mirada desde el trabajo y contribuciones de Felafacs Álvaro Rojas Guzmán	279
Parte III Revistas, enciclopédias e portais da Rede Ibero-americana de comunicação: ações coordenadas para democratizar o conhecimento	293
Visión general de los periódicos de comunicación en Brasil y de la Red Confibercom de Revistas de Comunicación Cicilia M.Krohling Peruzzo	295
Redes e portais de ciências da comunicação em Portugal Luis Humberto Marcos	309
Aporte de Diá-logos de la Comunicación a la difusión de las ciencias de la comunicación Abel Suing	333
La era <i>open data</i> . Publicaciones, política científica y socialización del conocimiento. Hacia una nueva economía política del archivo Francisco Sierra Caballero	347

<i>Revista Argentina de Comunicación</i> , una política de la voz Mónica Cohendoz	365
Difusión de la ciencia de la comunicación, una tarea pendiente en Latinoamérica Karina Valarezo e Isidro Marín Gutiérrez	377
Apéndices	393
Delia Crovi (Política científica y tecnológica en comunicación)	395
Raúl Fuentes (Posgrado en comunicación en Iberoamérica)	403
Ana Silvia Médola (Difusión de las ciencias de la comunicación)	407
Sobre los autores	413

De volta ao mundo real: epistemologia, política e o campo da comunicação

*Cesar Bolaño
Universidade Federal de Sergipe
bolano@ufs.br*

Resumo:

A constituição do campo acadêmico da comunicação responde a necessidades de controle social conhecidas, vinculadas à consolidação da hegemonia norte-americana no pós-guerra. Cedo se estabelecerá, no seu interior, a luta epistemológica entre a corrente principal e o pensamento crítico – em que se destaca a escola latino-americana – pela definição do (genético) conceito de desenvolvimento. A partir dos 80 do século passado, estabelecer-se-á a hegemonia de uma visão de mundo descompromissada, afastada dos problemas concretos da realidade social, que contaminará em muitos casos a política científica no campo. Com isto, reduz-se drasticamente a sua capacidade de influenciar o debate (e a distribuição dos recursos de pesquisa) no conjunto mais amplo das Ciências Sociais. Não se trata propriamente de uma contradição entre os aparelhos de Estado e a comunidade

acadêmica, mas da estrutura de poder nesta última – de como se distribui no seu interior o capital simbólico – e das particularidades da sua vinculação, isto sim, com os referidos aparelhos.

Palavras chave: comunicação, epistemologia, materialismo histórico, dependência, desenvolvimento.

Comunicação, epistemologia e crítica

Tive recentemente a oportunidade (Bolaño, 2013) de produzir um contraponto a artigo de Muniz Sodré publicado pela revista MATRIZES, em que o autor faz uma interessante avaliação da situação atual do campo da Comunicação, destacando que “o paradigma dos efeitos ainda é o fundamento da maioria das pesquisas acadêmicas” (Sodré, 2012, p. 11), o que restringiria o seu prestígio como ciência social. Destaquei, na ocasião, o realismo da assertiva, apontando, no entanto, certa parcialidade na argumentação, na medida em que a análise se restringe ao *mainstream* da área, ignorando as perspectivas abertas pelo pensamento crítico.

Ao invés de classificar a Comunicação, com faz Sodré, como um “campo em apuros”, chego à conclusão de que a referida crise de legitimidade representa, contraditória mas não paradoxalmente, a oportunidade de retomada daquela legitimidade que reclamava Barbero, “uma legitimidade intelectual, mais que acadêmico-administrativa, comprometida com a possibilidade de que a comunicação seja um lugar estratégico a partir do qual pensar a sociedade” (Moragas, 2011, p. 200).

Note-se que, mais que em paradigma, conceito questionado no próprio campo da epistemologia,²⁸ crítica ainda mais justa quando se

28 Um bom resumo das críticas ao conceito de paradigma de Kuhn se encontra entre as páginas 171 e 176 do interessante livro de Carlos Pérez Soto (1998). Devo esclarecer que a observação acima não representa uma crítica a Sodré. No campo da comunicação, o conceito de paradigma tem duas acepções: a de “critérios ou perspectivas teóricas gerais” – aí se pode falar em paradigma cibernético,

trata de Ciências Sociais, onde é difícil separar luta epistemológica de luta política, na medida em que não há diferença ontológica entre sujeito e objeto, prefiro falar em programas de investigação,²⁹ como aquele, vitorioso, proposto por Barbero, a partir da Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação (Alaic), nos anos 70 do século passado, que acabou por representar, de fato, uma ruptura paradigmática no campo.

É importante lembrar esta origem do programa porque, como bem aponta Sodré, na definição de um campo científico “importa o lugar ocupado por cada um dos seus membros, portanto, o espaço social, de modo que o alcance das questões levantadas não é independente da virtude cognitiva e do peso institucional do sujeito que fala” (idem, p. 14). Assim, a cientificidade do conhecimento divulgado não é jamais uma variável independente da forma institucional assumida por cátedra, departamento ou grupos universitários. Graças à divisão departamental do saber, professores e pesquisadores protegem administrativamente o seu objeto teórico não apenas com a justificativa da especificidade disciplinar, mas também com vistas à repartição das verbas públicas de fomento ou à competitividade no mercado das encomendas de análises e pesquisa (idem, p. 15).

Não entrarei aqui na crítica aos argumentos de Sodré, já suficientemente apresentada no referido artigo. Retomo apenas um aspecto dela, referente ao esquecimento de um elemento central

behaviorista, funcionalista, interpretativo, mas também em paradigmas referentes às grandes disciplinas que influenciam o campo, como o paradigma semiótico, sociológico, antropológico etc. — e a de modelo teórico simplesmente (Moragas, 2011, p. 37). Em Sodré, a preocupação em abarcar um grande conjunto desses modelos, senão todos, no final das contas, como “o paradigma”, leva a pensar numa definição de base kuhniana, mas em nenhum momento isso é explicitado. O autor raciocina basicamente sobre o conceito de campo em Bourdieu, ao qual também me limitarei aqui.

29 Sobre o conceito de programas de investigação de Imre Lakatos, vide Pérez Soto (1998), op. cit., p. 187 a 205. Sobre a sua aplicação no campo da Comunicação há um interessante artigo de Carina Cortassa e Rigliana Portugal (2003).

da teoria dos campos de Bourdieu: a permanente disputa pela legitimidade por parte de indivíduos e grupos com competência cognitiva, conhecedores do paradigma, se quisermos, mas que se encontram afastados dos núcleos institucionais em que a hegemonia se exerce. Talvez a melhor explicação dessa dinâmica se encontre em *A produção da crença*, trabalho essencial para o campo da Comunicação:

la position dans la structure des rapports de force inséparablement économiques et symboliques qui définissent le champ de production, c'est-à-dire dans la structure de la distribution du capital spécifique (et du capital économique corrélatif) commande, par l'intermédiaire d'une évaluation pratique ou consciente des changes objectives de profit, les caractéristiques des agents ou des institutions et les stratégies qu'ils mettent en oeuvre dans la lutte qui les oppose. Du côté des dominants, les stratégies, essentiellement défensives, visent toutes à conserver la position occupée, donc, à perpétuer le *statu quo* en durant et en faisant durer les principes qui fondent la domination (...) Quant aux dominés, ils n'ont de chances de s'imposer sur le marché que par des stratégies de subversion qui ne peuvent procurer, à terme, les profits déniés qu'à condition de renverser la hiérarchie du champ sans attenter aux principes qui le fondent (Bourdieu, 1977, p. 12).

Não se deve esperar, portanto, que a inovação radical venha do centro, nem tampouco, por certo, de fora do campo. É na periferia onde devem ser procurados os sinais de ruptura. No caso do campo científico, afirma Bourdieu, em outro texto:

la forme que revêt la lutte inséparablement politique et scientifique pour la légitimité scientifique dépend de la structure du champ, c'est-à-dire de la structure de la distribution du capital spécifique de reconnaissance scientifique entre les participants à la lutte (Bourdieu, 1975, p. 102).

Neste caso, as relações oscilam entre a concorrência e o monopólio, sem que jamais um desses polos seja atingido:

le champ scientifique est toujours le lieu d'une lutte, plus ou moins inégale, entre des agents inégalement pourvus de capital spécifique, donc inégalement en mesure de s'approprier le produit du travail scientifique (...) qui produisent, par leur collaboration objective, l'ensemble des moyens de production scientifiques disponibles (idem, p. 102).³⁰

Se a comunicação é um campo hoje em apuros, a tábua de salvação terá de ser buscada junto àqueles setores inseridos no campo científico de forma subordinada, que dominam o código, os fundamentos da disciplina, sendo capazes de, digamos, recuperar “epistemologias do sul” (Santos e Meneses, 2010) e utilizá-las oportunamente na luta epistemológica. Essa é a posição que ocupa todo o pensamento crítico, a maior parte da tradição latino-americana, a economia política da comunicação, os estudos sobre comunicação popular e alternativa, sobre as políticas nacionais de comunicação, entre outros.

No artigo citado, enfatizei suficientemente o papel estratégico da América Latina nessa disputa que é, a um tempo, epistemológica, política e institucional e que não se separa, em última instância, da luta de classes. Não se trata simplesmente de uma contradição entre os aparelhos de Estado e a comunidade acadêmica, ou das assimetrias de poder entre os diferentes campos científicos, ainda que ambas as coisas sejam fundamentais, mas de como se distribui no interior de cada campo, o capital simbólico e das particularidades da sua vinculação, isto sim, com os referidos aparelhos.

Comunicação, dependência e desenvolvimento

Não é possível entrar aqui na análise da história do campo da Comunicação. Remeto, entre outros, a Moragas (2011), já referido, ou a Melo (2007) e à minha interpretação parcial, estritamente na

30 Uma boa exposição da dinâmica dos campos científicos pode ser encontrada em Bourdieu (1976).

linha de raciocínio anterior, no artigo já citado (Bolaño, 2013).³¹ É importante, no entanto, ter em mente que a gênese desse campo está relacionada, como os das Ciências da Informação, ou da chamada Administração Científica, a uma radical ruptura no plano da racionalidade (Bolaño, 2011), ligada à transição do velho capitalismo liberal do século XIX, sob hegemonia inglesa, para o capitalismo monopolista, sob hegemonia norte-americana, que se consolida ao final da Segunda Guerra mundial.

Já tive a oportunidade de discutir também com mais detalhe esse processo, em diferentes ocasiões, especialmente, para os interesses desta análise, em Bolaño (2011 b, 2012). Em suma, pode-se afirmar sem receio (Wallerstein, 1996) que tanto os estudos sobre desenvolvimento quanto as ciências da comunicação fazem parte das mudanças na ordem mundial capitalista, que consolidarão o modelo norte-americano, de concentração econômica (da grande empresa, das sociedades por ações, do capital financeiro), inclusive no campo cultural e da comunicação (com a consolidação da Indústria Cultural e dos grandes meios de comunicação de massa) e também no campo científico, fortemente vinculado ao complexo industrial-militar-acadêmico, responsável principal pelo sistema de inovação dos Estados Unidos ao longo do século XX e até hoje.

Do ponto de vista da construção da hegemonia global, Harvey (2003) insiste, corretamente, na importância da nova ideologia do consumo de massa como alternativa para a integração social, em nível nacional, por oposição ao velho racismo científico dos imperialismos europeus, especialmente o inglês, hegemônico, da época vitoriana, no momento da descolonização global, que redundará na unificação, no centro e com tendência à universalidade, da cultura material própria do

31 Seria importante fazer referência à vasta bibliografia de José Marques de Melo (2000, 2008 a, 2008 b, entre outros, além do já citado) e o inestimável trabalho realizado pela sua Cátedra Unesco, assim como ao trabalho de Cristina Gobbi (2008) e também ao livro mais antigo de Moragas (1981), em que a contribuição latino-americana já era devidamente reconhecida.

capitalismo industrial, como esclarece Furtado (1977). A integração da periferia, por sua vez, na situação, aliás, da Guerra Fria, estará profundamente vinculada ao novo paradigma hegemônico, no campo científico, a que se subordinam as ideologias do desenvolvimento e da comunicação para o desenvolvimento.

A melhor crítica ao desenvolvimento é aquela feita por Furtado, ao longo dos anos 1970, em especial, no seu magnífico *Dependência e criatividade na civilização industrial* (Furtado, 1978),³² onde fica mais clara a sua teoria da dependência, presente já em sua obra anterior e que influenciaria as chamadas teorias da dependência, que forte impacto teriam no campo crítico da comunicação nos anos 1970. O conceito de Furtado, no entanto, ao que me consta, não foi incorporado nessa discussão. A ele não se aplicam, como procurei mostrar em Bolaño (2011 b) as corretas críticas feitas tanto pelos estudos culturais latino-americanos, quanto pela economia política da comunicação brasileira às teorias da dependência ou do imperialismo cultural.

Furtado mostra que a dependência cultural não é uma decorrência da dependência econômica ou tecnológica, como tendia a definir, de modo mais ou menos determinista, o marxismo estruturalista althusseriano, então em voga, mas é a origem de toda a dependência. Vale-se, para isso, de uma concepção de cultura de cunho antropológico, que define a (boa) teoria do desenvolvimento como o estudo da difusão da civilização industrial pelo globo terrestre, dando origem ao desenvolvimento e ao subdesenvolvimento, formas particulares de um mesmo processo. Assim, é da identificação atávica das elites brasileiras com o brilho da cultura material europeia e norte-americana, desprezando as suas matrizes africana e indígena, a responsável pela opção por um tipo de desenvolvimento excludente, predador da natureza, autoritário, concentrador, marcado pela heterogeneidade estrutural, no sentido da Cepal, etc.

32 Vide também Furtado (1974, 1977, 1980).

O divórcio elite-povo será a marca desse tipo de desenvolvimento, tensionado ao longo do século XX pela incorporação da cultura popular, a partir da ação dos intelectuais de 1922, como daqueles, positivistas gaúchos, que fizeram a revolução de 1930, construindo a hegemonia da burguesia industrial brasileira sobre a base da cultura afro-brasileira, que se desenvolvera relativamente livre, ao longo do século XIX, desprezada e marginalizada que era pelas elites de então. Sua incorporação ao processo de construção da identidade nacional, por certo, significa tanto o reconhecimento da sua contribuição, da sua importância, da sua beleza, quanto a imposição de mecanismos de controle, de direção, de expropriação e, com a Indústria Cultural e os meios de comunicação de massa, de expansão da forma mercadoria.

No momento da reconstrução democrática do Brasil, em 1984, Furtado apontava, nessa perspectiva, que “a ascensão da cultura de classe média é o fim do isolamento do povo, mas também o começo da descaracterização deste como força criativa” (Furtado, 1984, p. 24). E, mais adiante, discutindo as possibilidades, afirma:

A questão central se cinge a saber se temos ou não possibilidade de preservar nossa identidade cultural. Sem isso seremos reduzidos ao papel de passivos consumidores de bens culturais concebidos por outros povos. É certo que um maior acesso a bens culturais melhora a qualidade de vida dos membros de uma coletividade. Mas, se fomentado indiscriminadamente, pode frustrar formas de criatividade e descaracterizar a cultura de um povo. Daí que uma política cultural que se limita a fomentar o consumo de bens culturais tende a ser inibitória de atividades criativas e a impor barreiras à inovação. Em uma época de intensa comercialização de todas as dimensões da vida social, o objetivo central de uma política cultural deveria ser a liberação das forças criativas da sociedade (idem, p. 32).

Se observarmos a situação atual do desenvolvimento das indústrias culturais e da comunicação, no momento da transição do modelo massivo da TV aberta para a nova estrutura centrada na economia política da internet – que é o caracterizará, ao final das contas, aquilo

que Valério Brittos denominou “fase da multiplicidade da oferta” (Brittos, 2006) – veremos que a situação permanece sensivelmente a mesma, ou pior, avança a descaracterização denunciada por Furtado, à base de uma crescente capilarização da cultura industrializada, visível, por exemplo, naquilo que o mesmo Brittos chamou pluri-TV (Brittos, 2012). Trata-se de um movimento irrefreável, em nível mundial. O que se observa no novo posicionamento das empresas nacionais que conformam o oligopólio televisivo ainda hegemônico é a sua crescente integração ao novo modelo global de controle sob o paradigma da digitalização e da convergência.

Ora, a nova estrutura dos meios de comunicação de massa e das indústrias culturais faz parte, como terá ficado claro no item anterior, de um sistema mais complexo de dominação e hegemonia, um sistema de contradições em que o desenvolvimento permanece evidentemente como um conceito em disputa. Desenvolvimento sustentável, inclusivo, novas formas de quantificar, índices de bem estar, de felicidade, todas as antigas formas de pensar o problema estão em causa. Permanece apenas aquela singela oposição entre o bom e o mau desenvolvimento. Uma disputa que se dá no campo da luta de classes, da qual a luta epistemológica, como afirmei acima, não se separa. Dizer o contrário é assumir já uma posição nesse embate.

Conclusão

A partir dos 80 do século passado, estabeleceu-se a hegemonia de uma visão de mundo descompromissada, afastada dos problemas concretos da realidade social, que contaminará em muitos casos a política científica. O campo da comunicação se verá particularmente afetado. Com isto, reduz-se drasticamente a sua capacidade de influenciar o debate (e a distribuição dos recursos de pesquisa) no conjunto mais amplo das Ciências Sociais. A adesão de boa parte dos estudos culturais, inclusive latino-americanos, ao paradigma da pós-modernidade – conceito sabidamente proposto como estratégia

política vinculada à retomada da hegemonia norte-americana e, portanto, ao mesmo polo de produção intelectual de onde surgiu a internet e o conjunto das inovações que, desde, pelo menos, os anos 1940, secreta o complexo industrial-militar-acadêmico – constitui lamentável exemplo de retrocesso do pensamento crítico na área.

Que contribuição poderia dar esse campo, assim reestruturado, às necessidades urgentes das populações dos países latino-americanos, no momento da reconstrução da soberania, após décadas de ditadura militar seguidas de adesão aos famosos programas de estabilização? Como apoiar a conquista da autonomia cultural de que falava Furtado sem desvencilhar-se da lógica mercantil e dos preconceitos construídos ao longo do período neoliberal? Qual o papel do trabalho intelectual dos comunicadores sociais que se formam em nossas universidades na redefinição do conceito de desenvolvimento no sentido da restituição da precedência dos fins, dos valores últimos, em relação aos meios? A Comunicação teria algo a dizer sobre que tipo de desenvolvimento deve buscar a humanidade para o século XXI?

Muitas são as questões e muito há para debater no interior da Confibercom, da Alaic e de todas as associações acadêmicas do campo da Comunicação da área ibero-americana, visando restituir ao pensamento latino-americano na matéria, a relevância que já teve e que jamais perdeu por completo. Aqui ocorrerá algo semelhante ao que deve ocorrer no campo maior da produção cultural, na busca da autonomia que só se conquista pela afirmação da identidade própria, seja ela, como é o caso, fundada na multiplicidade: da releitura das melhores tradições do pensamento crítico latino-americano surgirá o pensamento novo que nos permitirá participar do desvendamento da realidade com a qual nos deparamos e colaborar com construção de um mundo mais justo.

Referências bibliográficas

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Ruptura no plano da racionalidade. Apropriação marxiana de um conceito de Furtado.** Apresentado ao seminário « A

- informação e o conhecimento sob as lentes do marxismo », Belo Horizonte: UFMG, PPG em Ciências da Informação, 23-24 de novembro de 2011.
- _____. *O conceito de cultura em Furtado e a problemática da dependência cultural*, Texto apresentado na mesa **Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado para o Desenvolvimento (CICEF), 25/11/2011 (b).
- _____. **Comunicación, cultura y desarrollo: desafíos para América Latina en el siglo XXI**. Conferencia Magistral presentada al Congreso de AMIC, Saltillo, México, 2012.
- _____. **Campo em apuros, mas com uma boa carta na manga. A propósito de um recente artigo de Muniz Sodré**. OBSCOM/UFS, 2013, mimeo.
- BOURDIEU, Pierre. *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison*. In: **Sociologie et Sociétés** VII, 1 – 1995 (p. 91-117).
- _____. *Le champ scientifique*. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, nº 1-2, 1976 (p. 88-104).
- _____. *La production de la croyance. Contribution à une économie des biens symboliques*. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 13 – février, 1977 (p. 4-43).
- BRITTOS, Valério. **Comunicação na fase da multiplicidade da oferta**. Porto Alegre: Nova Prova, 2006.
- _____. (2012). **A televisão em todo o lugar, a toda a hora**. São Leopoldo: UNISINOS, mimeo.
- CORTASSA, Carina; PORTUGAL, Ríglia. *La metodología de los programas de investigación científica. Las ciencias de la comunicación frente a la sociedad de la información*. In: SIERRA Caballero, Francisco; MORENO Gálvez, Francisco (eds.). **Comunicación y desarrollo en la sociedad global de la información**. Actas del III Encuentro Iberoamericano de Economía Política de la Comunicación. Ediciones Universidad de Sevilla, 2003.
- FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.
- _____. **Prefácio a Nova Economia Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

- _____. **Pequena introdução ao desenvolvimento:** enfoque interdisciplinar. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980.
- _____. **Cultura e desenvolvimento em época de crise.** São Paulo, Paz e Terra, 1984.
- GOBBI, Maria Cristina. **A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos de ALAIC.** São Paulo: UESP, 2008.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo.** São Paulo: Loyola, 2004 [2003].
- MARQUES DE MELO, José. *Escola latino-americana de comunicação: gênese, crescimento, perspectivas.* In: MELO, José Marques; GOBBI, Cristina. **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano. O protagonismo das instituições pioneiras: CIESPAL, ICINFORM, ININCO.** São Bernardo do Campo: Editora da UESP, 2000.
- _____. **Entre el saber y el poder. Pensamiento comunicacional latinoamericano.** México: UNESCO, 2007.
- _____. **História Política das Ciências da Comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008 (a).
- _____. **A batalha da comunicação.** São Paulo: EDUNISO, 2008 (b).
- MORAGAS SPÁ, Miquel. **Teorías de la comunicación. Investigaciones sobre medios en América y Europa.** Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- _____. **Interpretar la comunicación. Estudios sobre medios en América y Europa.** Barcelona: Gedisa, 2011.
- PÉREZ SOTO, Carlos. **Sobre un concepto histórico de Ciencia. De la Epistemología actual a la Dialéctica.** Santiago: LOM, 1998, segunda edição: 2008.
- SANTOS, Boaventura Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.
- SODRÉ, Muniz. *Comunicação: um campo em apuros teóricos.* In: **MATRIZES**, ano 5, nº 2, jan./jul., São Paulo, 2012.
- WALLERSTEIN, Immanuel et. al. (1996). **Para abrir as ciências sociais.** Comissão Gulbenkian para reestruturação das ciências sociais. São Paulo: Cortez.